

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES – NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS

CURSO DE TEATRO - LICENCIATURA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Escutando, dialogando e “teatrando”: a importância dessas práticas nas ações educativas.

Livia Soares Correa

Pelotas, 2013

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Projeto Quilombo das Artes: arte da cidadania	10
2.1 - Meus pequenos passos dentro do Quilombo das Artes	15
2.2 - Seguindo a caminhada	17
2.3 - Passos que permanecem em processo	19
3. A luta contra a (des)informação midiática.....	20
4- Escutando, dialogando, “teatrando”	26
5. Considerações Finais	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS.....	33

1. Introdução

O diálogo é uma prática que aos poucos vem se dissolvendo. Se pararmos para observar, podemos perceber a frieza como viemos nos tratando, uns aos outros. Começamos pelo núcleo familiar, onde as conversas de família na hora do almoço, do jantar ou dos fins de semana dão lugar a refeições em frente a televisão, ao celular ou ao computador. Até mesmo os encontros entre amigos são substituídos por conversas virtuais, sem o contato físico e sem diálogo (olho no olho).

Partindo dessa observação pessoal e da minha experiência com o teatro dentro de um projeto de extensão da universidade, esse trabalho de conclusão se propõe a refletir sobre importância do diálogo e da escuta nas ações educativas de formação humana desenvolvidas em comunidades carentes.

O teatro é, fundamentalmente, uma experiência de arte coletiva, através da qual os participantes são estimulados a criar, a propor, a interagir, a escutar e, sobretudo a tomar decisões conjuntas onde o diálogo é um âmbito relacional imprescindível.

No projeto de extensão no qual atuei, a prática teatral segue dois caminhos complementares: primeiramente como expressão de arte autônoma e livre, buscando a percepção estética e a capacidade de criação e de fruição; em segundo lugar, como ferramenta pedagógica, buscando o autoconhecimento, prática comunitária, a consciência política e de cidadania.

É preciso ressaltar que o Quilombo das Artes tem suas ações desenvolvidas no Navegantes, bairro de muita pobreza e violência da cidade de Pelotas. O projeto conta com dois parceiros: O Centro de assistência e de Referência Social São Gonçalo (CRAS) e a Escola Estadual Nossa Senhora dos Navegantes. Como as condições do bairro são de miséria e esquecimento, as sedes de nossos parceiros estão em ruínas.

Neste trabalho de conclusão, reúno minhas reflexões assentadas em minha experiência em terreno com depoimentos de monitores e participantes da comunidade e autores que se debruçam sobre os temas da educação, de teatro e do teatro em comunidade.

Começo este escrito explicando o que é o Quilombo das Artes, o projeto de extensão em que atuei e que é a fonte de observação e reflexão deste trabalho. No segundo capítulo relato a minha experiência em terreno ao longo de dois anos, seus aspectos mais significativos, minhas inseguranças, frustrações e alegrias. No capítulo três faço um pequeno recorte sobre a influência da mídia na vida dos participantes do projeto. Já no capítulo quatro, cruzo minhas reflexões e experiências com a reflexão proposta por alguns autores, acompanhada de depoimentos (entrevistas no anexo) de colegas monitores e de participantes da comunidade, acentuando ao longo deste trabalho a escuta e o diálogo como parte substancial de uma relação educativa.

As considerações finais encerram o corpo do texto sem, contudo, dar fim a esta reflexão.

2. Projeto Quilombo das Artes: arte da cidadania

Nesse capítulo, o projeto Quilombo das Artes será apresentado. Sua história, objetivos e trabalhos realizados.

O “Quilombo das artes”, vinculado ao Programa Vizinhança, da Pró - Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel, é um projeto do Núcleo de Artes Cênicas do Centro de Artes da UFPel. Foi idealizado para ser executado no Navegantes II, bairro pobre localizado na periferia da cidade de Pelotas. O projeto tem, entre outros objetivos, auxiliar o desenvolvimento de crianças e adolescentes da localidade, no que se refere ao uso adequado do tempo livre, ao fomento do interesse pela arte e, por conseguinte, o pensamento de autonomia e solidariedade. Com o fim último de formar um cidadão capaz de tomar suas próprias decisões e, conscientemente, enfrentar o “destino” imposto pelas condições de pobreza.

Tendo em vista que tal bairro não é contemplado com programas de educação e de incentivo à cultura, os idealizadores, os professores Paulo Gaiger e Fabiane Tejada¹, concluíram que seria de suma importância o papel comunitário da universidade de compartilhar e construir o conhecimento. O projeto conta com o monitoramento de acadêmicos dos cursos de teatro (licenciatura), dança (licenciatura), música (licenciatura), ciências sociais e medicina que se encarregam dos trabalhos de campo e de pesquisa. O trabalho de campo é conduzido em formato de grupos permanentes e abertos, na sede do CRAS² São Gonçalo e na Escola Nossa Senhora dos Navegantes.

¹ Paulo José Germany Gaiger é professor dos Cursos de Teatro (licenciatura) e Dança (licenciatura) da Universidade Federal de Pelotas - RS; Coordenador de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel; Ex-diretor Adjunto do Núcleo de Artes Cênicas do Centro de Artes da UFPel; co-coordenador do Projeto de Extensão de Educação Continuada e Multidisciplinar "Quilombo das Artes", vinculado ao Programa Vizinhança, da UFPel; co-coordenador do Núcleo Rondon da UFPel; Bacharel em Arte Dramática pelo Departamento de Arte Dramática/UFRGS.

Fabiane Tejada da Silveira é professora Adjunto I da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Ingressou no quadro de docentes permanentes desta Instituição em 1997. Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística pela UFPel (1994). Especialização em Educação pela Universidade Católica de Pelotas(1996), Mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos(2007) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas(2011). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Teatro, Educação e Práxis Social. Atua desde 1990 como atriz e diretora de Teatro; foi coordenadora por 10 anos (1995-2005) do Projeto Teatro Universitário da UFPel. Atualmente é Pró-Reitora de Graduação da UFPel.

² O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública estatal. É responsável pela organização e oferta de Serviços da Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social. Além disso, possui a função de gestão territorial da rede de assistência social básica, promovendo a organização e articulação das atividades neles envolvidos.

Através de trabalhos realizados na escola (não só o com o Quilombo das Artes, mas com um grupo de dança criado pelos próprios moradores da comunidade), esta conseguiu o reconhecimento dentro do bairro, como um lugar que busca atividades extracurriculares, e que mesmo com suas precariedades incentiva os alunos a participarem dos projetos lá executados. À respeito deste fator, um dos participantes aqui denominado Fernando diz que “O Quilombo deu uma grande oportunidade pro Nossa Senhora dos Navegantes, o colégio que ninguém vê, que ninguém reconhece. Essa oportunidade de teatro, dança, música. Para muita gente que gosta, foi uma grande oportunidade”.

Além de turmas de teatro e dança para crianças e adolescentes, o projeto também abraça idosos e mulheres, ambos realizados no CRAS. O grupo de idosos tem como objetivos estimular o exercício da memória, a movimentação corporal (atividades em que devem mobilizar todo o corpo, tirar a rigidez do dia-a-dia), o jogo e, principalmente fazer com que eles não permaneçam somente dentro de casa assistindo televisão, sem atividades com as características aqui descritas. Mostrar para estes idosos, cheios de histórias de vida, o quanto ainda tem para oferecer, o quanto podem ser ativos e criativos através da experiência teatral.

O grupo das mulheres tem como nome “Mulheres em pé de paz”. Este grupo foi formado pensando nas mulheres do bairro Navegantes que trabalham em casa ou fazem pequenos serviços em outras residências, que passam seu tempo em função de seus filhos, marido ou companheiro, que tem quase sempre seu único momento de lazer a televisão. Mulheres que não se (re)conhecem, que mal sabem sobre seu próprio corpo, seus direitos como mulher, que aceitam atitudes machistas de seus maridos, muitas vezes violentos, que se submetem por ter medo, por não se sentirem capaz de seguir sua vida sem a presença machista. Pensando nessas situações, o grupo trabalha questões de gênero, de auto reconhecimento, orientação sobre direitos da mulher, questões voltadas para à saúde, sexualidade entre outros assuntos de extrema importância para o conhecimento dessas mulheres presas ao seu conformismo.

Os grupos de teatro e dança para adolescentes e crianças têm dois encontros semanais. Todos os grupos, incluindo o grupo das mulheres e dos idosos, contam com o monitoramento de dois a quatro monitores.

Esse número de monitores se justifica primeiramente, por uma opção pedagógica para uma compreensão maior dos fenômenos decorrentes nos

encontros, além de uma busca para a superação das dificuldades surgidas, principalmente quando estas se relacionam a violência física; em segundo lugar, por segurança, já que o Bairro Navegantes II é um dos bairros mais violentos da cidade de Pelotas, cujo o poder de escolhas desses moradores se encontra na mão de gangues e traficantes.

Além das oficinas, o projeto inclui passeios dentro e fora da cidade. As visitas realizadas em museus e pontos turísticos da cidade de Pelotas, têm como objetivo dar ao participantes a possibilidade de conhecer outros lugares que não seu bairro e de descobrir a história da cidade onde vivem. Algumas crianças e adolescentes conheciam apenas o centro comercial da cidade, outros nunca foram além de seu bairro. Sem dúvida esses passeios são de suma importância para estes participantes enxergarem outros horizontes, outras pessoas, outras paisagens e oportunidades futuras. Uma ação de cidadania e amplitude de conhecimento que se converte em compreensão humana entre os participantes.

A participação do projeto em congressos e seminários (muitas vezes com a presença de alguns dos participantes da comunidade) incentiva a continuidade dos estudos, a partir da chance de conhecer universidades, professores e acadêmicos participantes destes eventos, e outros ambientes, como museus, Restaurante Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre outros lugares. A oportunidade que eles têm de relatar suas experiências dentro do projeto fortalece a ideia de que eles são capazes de mudar seu futuro, de que podem ser ouvidos e de que tem muito a contribuir dentro da sociedade.

Todo o final de ano o projeto realiza uma Mostra Artística Navegando em Cena no Teatro do COP, situado no centro da cidade de Pelotas. Nessa Mostra, os participantes apresentam montagens de teatro, dança e música. Todas as apresentações são pensadas e praticadas em coletivo ao longo dos encontros durante o ano todo. Participantes e orientadores trabalham juntos no processo e no produto final. A ideia da Mostra ser em um teatro, fora do bairro onde moram e aberto ao público em geral, é de valorizar o trabalho, o processo, o potencial e a criatividade que essas crianças e adolescentes demonstram em cada encontro.

É importante que o projeto saia do nicho onde se desenvolve, para que o Bairro Navegantes juntamente com seu moradores sejam vistos, ouvidos e reconhecidos como parte da sociedade. Os objetivos do projeto caíram por terra se os participantes permanecessem em sua zona de conforto, em seu âmbito familiar e

escolar. Em vista que o projeto tem como finalidade abrir novos horizontes para estes jovens, incentivar a busca por um futuro diferente no qual vivem, fazer com que se percebam como cidadãos capazes além de estimular a consciência como indivíduo e a relação com o outro.

Essas apresentações artísticas, por vezes, são realizadas em outros eventos, alimentando ainda mais nos participantes a vontade de prosseguir dentro do projeto. Alguns, principalmente os participantes mais antigos, almejam dar continuidade no meio artístico, pensando em estudar e se tornar profissional. Como a participante, denominada aqui de Laís, que em entrevista diz: “botei em minha mente fazer faculdade de teatro (...) é o meu sonho. O que planejo para meu futuro. É pelo o que quero lutar e fazer com muito amor.” A proposta do Projeto não é formar atores, bailarinos ou músicos, mas sim, através da arte abrir caminhos para que estes jovens se descubram, incluindo sua futura profissão.

A partir dos encontros oferecidos, tanto os participantes, quanto os monitores constroem uma percepção de arte e educação para além do que se vê. Um crescimento enquanto cidadão é feito a cada encontro, a cada espetáculo realizado, em cada reunião feita por monitores e coordenadores. Os laços criados entre monitores e participantes ultrapassam as fronteiras da educação, transitando entre afeto, compreensão e sensibilidade.

Felizmente, para alguns, a relação que os participantes constroem com seus companheiros de projetos, com monitores e coordenadores são transferidas para seu meio familiar. Alguns, como no caso de Fernando, a relação com a família melhorou desde que entrou no projeto: “Eu dialogo mais. Eu já consigo eu mesmo puxar assunto. Eu converso muito mais agora com minha mãe e com meu pai, com minha família, com meu primo principalmente. Na minha família ajudou muito o diálogo”.

De mãos dadas, o rumo de um novo trajeto é desenhado em conjunto com estas crianças e adolescentes. Através de montagens teatrais realizadas pelos monitores, coordenadores e participantes, estes se sentem visíveis e visionários de um futuro diferente do que imaginavam ter, seja fazendo arte ou simplesmente não caindo no conformismo que corrompe a maioria das pessoas.

O projeto Quilombo, de maneira simples, porém firme, procura mostrar para essas crianças e adolescentes uma perspectiva de vida ao alcance de suas

mãos. Futuros concretos que podem ser realizados através das próprias buscas e vontades.

E mesmo em pouco tempo de projeto, já é possível ver uma mudança nos participantes, principalmente naqueles que estão desde seu início. Ana, outra monitora entrevistada, que já atua no projeto desde 2010 percebe essa transformação: “É radical. Na minha aula tinha uma piscina de bolinhas e eles não conseguiam parar para ouvir (...) nem uma ordem de exercício. Nada funcionava. Porque eles não conseguiam escutar. Era uma gritaria, era uma desordem. Hoje eu vejo que mudou. E todos os anos fui vendo que *teve* uma mudança. A transformação deles tanto de disciplina, de conversa, de eles acreditarem num futuro, de quererem estudar”.

Alguns hoje estão em cursinhos, se preparando para o vestibular. Outros continuam na escola, mas já almejam fazer mais por si.

Contudo, por ser um projeto que trabalha com muitos acadêmicos, de ideias e ideais distintos enfrentamos algumas discórdias ao longo das reuniões. Além do “ego” que por vezes insiste em querer vencer discussões, houve casos de abandono do projeto por parte de monitores. Alguns integraram o projeto e repentinamente saíram, muitos sem justificar sua saída.

Dentro da comunidade encontramos diversos problemas, muitos deles não tínhamos condições de solucionar. Casos de violência partindo de pai ou outros parentes contra crianças, abuso sexual, participantes do projeto grávidas precocemente, usuários de drogas. Enfim, casos que iam além do nosso alcance. Só poderíamos pensar em como lidar com os participantes dentro dos encontros, de modo a não os expor e nem excluí-los das atividades.

Embora o projeto tenha uma característica de usar o diálogo como forma pedagógica, presenciei momentos em reuniões que não era possível escutar o que monitores e coordenadores queriam. Todos falavam ao mesmo tempo, buscando ser ouvido, mas pouco parando para ouvir. Um problema a ser pensado, já que atuando em campo, queremos realizar um encontro onde os participantes se escutam e falam um por vez. Atitudes que precisam ser repensadas, questionadas e se possível, modificadas.

2.1- Meus pequenos passos dentro do Quilombo das Artes

Traçarei meus passos dentro do projeto, os dois anos que permaneci em campo, minhas vitórias e frustrações nos encontros de teatro.

Quando iniciei com a turma de pré-adolescentes (de idades entre treze e quinze anos) – na Escola Nossa Senhora dos Navegantes -, senti que eles tinham uma necessidade enorme de falar. Primeiramente, minha reação – talvez até por inexperiência – foi de “podar” os assuntos, quando estes se estendiam ou não parecia ter algo a ver com o encontro. Esta minha atitude os deixava mais nervosos, ansiosos por algo que não conseguia identificar.

Conforme os encontros seguiam, o limite entre eles se mostrava mais presente. Os exercícios em que era preciso abraçar o colega, olhar no olho, tocar no rosto de olhos fechados, eram transformados por eles em um grande festival de risadas e frases como “eu não vou fazer isso”. Praticamente em todos os encontros, eu e meu colega Everton Mariano, também monitor do projeto, tínhamos de parar e pedir para que eles realizassem as atividades sem reclamações ou piadas. Fazíamos isso com frequência, esquecendo de problematizar e questionar sobre esses episódios.

Conhecendo mais a turma – e talvez já cansado dessa forma deles agirem -, Everton resolveu parar um encontro e questionar dois alunos que se recusavam a se dar as mãos. Diante da surpresa das perguntas feitas pelo monitor, ambos demonstraram desconforto ao não saber o que responder, e por vezes riam pensando ser uma brincadeira. Com insistência, Everton instigava os alunos a pensarem “por que homens temem tanto pegar a mão de outro homem, se essa atitude faria deles menos homens, se tocar no outro machucava...?” Depois de um pouco de silêncio, um participante – nenhum dos dois meninos – resolveu falar e expor sua opinião a respeito. Naquele momento, os exercícios foram deixados de lado, mas o encontro, não. Todos manifestaram a suas maneiras de ver o preconceito, sanaram algumas dúvidas com o monitor e questionaram muitas atitudes preconceituosas vistas na sociedade.

O encontro seguinte correu tudo muito bem. Meu colega já havia conversado comigo a respeito do ocorrido o qual não presenciei, mas preferiu que no final do encontro eles mesmos me relatassem a discussão. Fizemos uma roda e eles colocaram a situação, seguido de suas opiniões e perguntas que pareciam cada vez mais difíceis de serem respondidas. A partir desses dois dias decidimos fazer

essa roda de conversa em todos os finais de aula, com temas trazidos por eles, sem intervenção dos monitores. Everton e eu prometemos tentar responder todas as perguntas, e caso não soubéssemos, procuraríamos saber.

Nos encontros seguintes, mesmo timidamente, abordamos temas dos mais variados: bullying, sexo, pedofilia, estupro, entre outros temas tabus ou naturalizados, enraizados a tradições e heranças culturais e religiosas e, por isso, pouco refletidos. Além de diversos preconceitos e manifestações culturais de nossa sociedade. Sem vergonha, eles chegavam com o tema e com muitos questionamentos, dispostos a serem ouvidos e a ouvirem uns aos outros. A cada aula iam deixando a timidez e a vergonha de lado, perguntando mais, falando mais. Um processo que aos poucos foi se tornando mais livre da parte deles. Aproveitavam aquele momento para procurar sanar seus questionamentos, suas curiosidades, que dificilmente alcançariam eco e consideração em outro espaço, seja familiar ou escolar. Lidamos com dúvidas que pensávamos jamais ouvir. Coisas que acreditamos que os pré-adolescentes já sabem pela quantidade de informações que aparece na mídia todos os dias. Talvez nos faltasse um olhar crítico sobre a mídia e a quantidade de informação.

Apreendi muito com essa experiência, tendo a certeza de que eles precisam ser ouvidos, assim como todos nós. Queremos todos falar, mas nunca ouvir uns aos outros e, com essa experiência, pude fazer os dois: ouvir e ser ouvida. Conforme os encontros foram acontecendo, notamos uma significativa mudança entre eles. A turma ficou mais unida, começaram a ouvir uns aos outros, estabeleceram mais contatos entre eles e conosco. Nas montagens cênicas mostravam suas posições e questionamentos sobre como vivemos. A partir daí, um salto significativo se revelou nos abraços e no pegar de mãos sincero, afetuoso e sem o peso da cobrança.

Os encontros que dei para essa turma me fizeram compreender que quem fica à margem da sociedade, aqueles excluídos têm muito a falar, a mostrar. Mas precisam de oportunidade para tal.

2.2 - Seguindo a caminhada

No segundo semestre do ano de 2011, iniciei um trabalho com outra turma, dessa vez no CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) São Gonçalo. Apesar de a faixa etária ser a mesma, esses pré-adolescentes eram ainda mais agitados, agressivos, arredios e faltavam com respeito a todo instante, inclusive conosco, os monitores. Minha primeira impressão ao ver essa turma, foi de que seria muito mais difícil trabalhar questões de respeito e cidadania. Realmente foi bem mais desafiador.

Havia dois fatores que, pensei, contribuíam para essa diferença entre as duas turmas: na turma da escola, muitos estavam desde o início do projeto, enquanto no CRAS, a grande maioria entrava recém naquele ano; a turma da escola sempre trabalhou com os mesmos monitores, - ou pelo menos sempre mantivera um desses -, enquanto na turma do CRAS houve inúmeras mudanças de monitores, alguns até saindo do projeto sem avisá-los. Esse último fator resultou em pré-adolescentes arredios, que procuravam não se apegar, comprometendo a confiança, pois, como comentaram, temiam que a qualquer momento poderíamos ir embora também. No entanto, como os pré-adolescentes previam, pelo menos duas monitoras deixaram o grupo durante esse período. Depois de viver essas idas e vindas de monitores, consegui compreender aqueles pré-adolescentes e, por outro lado, a razão de seu temor. Quando me dei conta desses acontecimentos, senti a minha grande responsabilidade e que não podia deixá-los.

Diferentemente dos participantes da turma da escola, estes eram bem mais carentes, tanto financeiramente, quanto afetivamente. Notei muito depressa essa significativa diferença. Enquanto na escola eu via os pais ligarem preocupados, buscarem seus filhos após os encontros, mostrarem interesse em conhecer os monitores, também ouvia a maneira positiva com que os participantes falavam de suas famílias. No CRAS não percebia esse mesmo interesse vindo dos pais, conheci poucos, mas que apareciam esporadicamente. Quando os pré-adolescentes falavam de suas famílias, eram sempre histórias de abandono, violência, desestrutura familiar, mas quase nunca eram relatos positivos, com demonstração de carinho e aproximação.

Certamente a violência e agressividade com que lidavam uns com os outros, era uma herança familiar, uma projeção do que viam e sentiam dentro de casa. Por isso estavam sempre na defensiva, desconfiados e de início distantes.

Foi um ano intenso, onde nada parecia dar certo em curto prazo, mas conforme o tempo passava e o processo tomava forma, notávamos mudanças na maneira deles se comportar nos encontros. Já compareciam aos encontros com a ideia de grupo, de criar, de reunião e nem pareciam ir por obrigação. Cobravam uns dos outros prontidão na hora dos exercícios, concentração e respeito. Tudo isso acontecia de maneira espontânea, às vezes organizada, mas, infelizmente, em muitos momentos usando da violência verbal – atitude esta difícil de ser refletida porque, provavelmente, é a forma como são tratados em casa e entre seus pares. Mesmo com essa forma às vezes bruta de exigir algo do colega, demonstravam pouco a pouco, mais relações de afeto entre eles e conosco.

Todavia, não foi possível realizar a mesma dinâmica usada com a turma da escola, pois estes participantes, com toda sua agitação, tinham ânsia por atividades e produção de pequenas peças de teatro, sem paciência para conversas e sem compreensão do processo. A opção pedagógica para que eles se ouvissem, usassem o diálogo ao invés da violência e se fizessem ouvir, foi um pouco mais direta e sensível: no momento em que víamos uma atitude violenta, uma agressão física e/ou verbal, parávamos o encontro e questionávamos o acontecimento. Mostrávamos o problema, mas deixávamos que eles encontrassem a solução. Nos casos mais delicados, conversávamos diretamente com o participante, sempre com sinceridade, paciência e dando abertura para que nos contassem a sua versão.

Como éramos duas, às vezes três monitoras, quando ocorria de algum pré-adolescente aparecer com mudança brusca de comportamento, uma de nós ia ao seu encontro para uma conversa reservada onde o pré-adolescente poderia manifestar sua angústia e seus problemas.

Ao não saber lidar com certas situações, reconheci limitações minhas, me lancei perguntas, descobri meus bloqueios e preconceitos, revi alguns valores e conceitos e, percebo, dei início a um processo íntimo e constante de transformação.

2.3 - Passos que permanecem em processo

Depois dessa turma, no ano de 2012, reiniciei no CRAS e na escola, mas dessa vez com dois grupos de crianças. Pensava estar mais preparada depois de duas turmas no projeto, e já fazendo estágio. Porém trabalhar com criança sempre exige mais atenção, paciência e firmeza.

Com essas turmas não foi diferente. Em ambas as turmas os pré-adolescentes tinham entre oito e dez anos, e pareciam só saber brincar de luta e se referir um ao outro de forma ofensiva. Crianças que repetiam o que, provavelmente, ouviam da televisão e dos pais, mas que corriam como crianças. Sem dúvida, foi o momento dentro do projeto que mais sofri e, ao mesmo tempo, me emocionei.

Na escola, trabalhava com a recém-chegada monitora Jéssica, sem experiência, mas com muita vontade de trabalhar. Já no CRAS, me encontrava sozinha com seis meninos explodindo energia e demonstrando total falta de respeito com qualquer pessoa. Em ambas as turmas a violência predominava e o desrespeito reinava.

No CRAS, lecionava pela manhã e à tarde estava na escola. Muitas vezes me vi voltando para casa aos prantos e totalmente frustrada. As táticas usadas nas primeiras turmas não funcionavam nenhum pouco, principalmente com a turma da escola. Em todo momento havia desrespeito vindo das crianças. E embora tivéssemos feito um cartaz onde eles escolheram as regras para o funcionamento do grupo, isso não repercutiu em nada na prática. A situação começou a piorar quando as crianças que tinham interesse no Teatro demonstravam insatisfação em relação aos encontros, principalmente por termos que parar a cada instante por conta da indisciplina de outros. Esses acontecimentos desmotivavam as crianças que estavam ali para fazer Teatro. Com a insistência das atitudes que atrapalhavam os encontros eu e a monitora Jéssica tivemos de tirar muitos alunos porque, realmente, não sabíamos o que fazer. Atitude essa que sempre repudiei e pensei nunca precisar usar. Sabíamos que era importante para eles a nossa insistência, nosso empenho, nosso olhar pedagógico, a manutenção do grupo, mas estava cada vez mais difícil.

Como passava praticamente o dia no Bairro Navegantes com duas turmas bem difíceis, e mais os afazeres acadêmicos, me encontrava em uma situação de esgotamento físico e emocional. Como estava sozinha no CRAS, resolvi deixar a turma da escola, pois lá eles teriam o monitoramento da Jéssica. Pensei ter deixado a colega em uma enrascada, mas depois de um tempo, todos percebemos o grande trabalho que ela fez com as crianças. Nas apresentações realizadas posteriormente, se mostraram compenetrados, concentrados, focados, além das excelentes atuações. Certamente a insistência e o processo mudaram muita coisa naquelas crianças, principalmente na forma como eles se viam, como pessoas capazes de apresentar um bom trabalho e por obterem reconhecimento de outros participantes do projeto.

No CRAS, o processo seguia lento. Embora fizesse planos de aula, quase nunca conseguia segui-los, praticamente dependia da vontade deles, do que necessitavam fazer naquele dia, do que realmente queriam fazer: quase sempre jogos de correr e brincadeiras infantis. Só assim o encontro rendia sem discussões, frustrações ou desistência.

Aos poucos fui conquistando, seduzindo-os com as inúmeras maneiras que passei a procurar para organizar o grupo. De encontro em encontro, fomos realizando trocas de ideias: eu levava um plano de atividades e eles propunham jogos que mais lhes interessavam. Assim conseguimos juntos montar nosso plano de aula, com uma parte planejada por mim e a outra pensada por eles, na hora. Para que não houvesse desavença e por receio deles recusarem minhas propostas, sempre aceitei e deixei com que realizassem as brincadeiras escolhidas por eles. Essa forma de montar o encontro me ajudou na aproximação com essas crianças, mas principalmente me fez compreender a forma através da qual eles melhor aprendiam e assimilavam as coisas.

Como eram crianças muito agitadas, que passavam a maior parte do tempo fora de casa – de manhã, no CRAS, de tarde, na escola -, naquele momento do encontro queriam brincar, correr, extravasar. Tive que aceitar isso e usar como uma forma de aprendizado. A princípio, eles chegaram às aulas, acreditando que no encontro de teatro poderiam fazer tudo, não enxergavam como uma via de aprendizado, que necessitava de organização e disciplina. Demoraram a compreender que o fazer teatral era algo prazeroso e sério como um jogo, que

deveria ser levado para além daqueles encontros. Mas a construção é sempre algo que leva tempo, principalmente a construção de ideias.

As práticas teatrais trabalhadas desde o início do projeto, sempre visaram além do mero entendimento do que é Teatro, da encenação, montagem de espetáculos e o decorar de textos. Sempre se procurou, através do diálogo com os participantes – fossem crianças, adolescentes ou adultos – fazer com que eles se percebessem como pessoas capazes de modificar sua trajetória, seu presente e seu futuro. Além de se perceberem inseridos dentro da sociedade, de que podem obter voz diante de suas dificuldades. Entrelaçar suas vidas com o teatro para criar suas próprias maneiras de se redescobrir como cidadãos.

O próprio teatro trabalha o humanismo, o conhecimento da realidade através de outra forma de vê-la. Implicitamente desenvolve a cidadania e explicitamente a relação com o outro e consigo mesmo. Em um pequeno trecho, Narciso Telles cita essa importância que o Teatro pode vir a trazer, principalmente para aqueles que sofrem com a vulnerabilidade social:

As práticas pedagógicas- teatrais se justificam pelo fato de promover a inserção social dos artistas-participantes e dos espectadores na dita “sociedade pós-moderna”, o que contribui de forma expressiva para a construção e percepção da cidadania e possibilita a divulgação para a sociedade de uma versão do cotidiano dessas comunidades que representa a voz do excluídos, calada e manipulada pela mídia e pelos poderes instituídos.

(TELLES, Narciso. 2009, pg 129)

No capítulo que segue, abordarei a questão da manipulação da mídia que acaba por estereotipar e naturalizar a pobreza.

3 - A luta contra a (des)informação midiática

Além dos objetivos do projeto citados anteriormente, monitores e coordenadores procuram fazer com que os participantes busquem outras informações que não sejam midiáticas. As informações que a maioria dos participantes do projeto recebem são vindas dos meios de comunicação, especialmente da televisão, das rádios e das redes sociais. De forma semelhante, e não diferente do fenômeno de consumo que alcança os diversos segmentos sociais, as músicas mais ouvidas e os filmes mais vistos são aqueles vinculados pela mídia como produtos de moda, de consumo e efêmeros. Dificilmente a arte aí tem vez.

A programação “frequentemente” medíocre da televisão, a crueldade e a mentira muitas vezes expressa nas redes sociais infantiliza a capacidade do pensamento e das escolhas. A cultura do consumo é lançada diariamente por todos os meios de comunicação. Somos o que consumimos. Possivelmente é sobre as populações mais pobres e carentes que as forças midiáticas de consumo lançam suas raízes de desejo.

Essa mesma força midiática reforça estereótipos de pobreza e subtrai os potenciais e a visão de mundo especialmente de quem mora em bairros pobres.

Muitas vezes quando a pobreza é mostrada nos meios de comunicação tem como finalidade causar comoção e compaixão, sem questionar a razão de sua existência.

Em um de seus artigos o professor Victor Hugo Adler Pereira questiona a maneira como pobreza tem sido representada:

(...) saltam aos olhos certa despolitização da questão da miséria e uma dificuldade patente nos modos que se vêm tornando canônicos de focalizá-la no cinema brasileiro de suscitar mais do que a solidariedade ou a indignação-poucas vezes provocando a reflexão ou apresentando vertentes desconhecidas dos meandros da exploração e do desrespeito pelos excluídos que grassam no país.

(...) podemos nos perguntar se a maior parte dos trabalhos desse gênero que se vêm divulgando nas telas e nos palcos brasileiros não acaba por reforçar estereótipos sobre uma pretensa identidade dos setores marginalizados nos meios urbanos, aplainando diferenças e ignorando as responsabilidades, os compromissos e a participação no processo de marginalização social de outros setores da sociedade, inclusive da classe média, que constitui o principal contingente da plateia dessas manifestações culturais. (PEREIRA, 2009, p.40)

Esse reforço acaba por acomodar tanto quem vive em comunidades carentes, fazendo com que acreditem e aceitem suas condições, quanto as comunidades de classe média/alta que naturalizam a desigualdade social.

Era difícil encontrar entre os participantes do projeto um que já houvesse assistido a uma peça teatral, no entanto, na ausência de condições de escolha e opções era raro algum participante que não acompanhasse um *reality show* do momento, que não soubesse a música e a coreografia correspondente da música da moda. O mercado de consumo retira da modernização e da tecnologia aquilo que poderia representar uma melhor qualidade de vida e de pensamento.

Muitas vezes me deparei com adolescentes que se interessavam pelas mesmas músicas e mesmos programas e, alguns, quando questionados do porquê,

respondiam: “porque todo mundo gosta!” A formação da identidade³ desses jovens está totalmente ligada ao mercado global. Todavia, esses jovens não conseguem descobrir qual sua identidade no meio de inúmeras mensagens lançadas pelo mercado.

O professor Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós modernidade* explica que:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas -desalojadas- de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 1999, p.75)

Sem desconsiderar o fenômeno da homogeneização, nos encontros dentro do projeto, procuramos mostrar aos participantes outras músicas, filmes, danças, expressões de artes visuais, além do próprio teatro ao qual poucos têm acesso. A ideia é de que eles pudessem desenvolver a capacidade de escolha e que reconhecessem a importância de ter liberdade e consciência para escolher.

Igualmente, estimulou-se a leitura, o acesso à prosa e à poesia para que as crianças e adolescentes pudessem se aproximar e descobrir outros âmbitos humanos, outras histórias e outros mundos, a beleza da literatura. O hábito da leitura que incentiva o pensamento e a imaginação.

A estratégia pedagógica partiu das músicas e filmes impostos pelo mercado de consumo, para depois, em um segundo momento, introduzimos outras possibilidades de expressão artística. Pouco a pouco, especialmente os adolescentes foram descobrindo e se encantando com âmbitos humanos da arte antes inacessíveis. Ao trocarmos informações artísticas com os participantes, explicávamos a importância de não se focar apenas nas mesmas expressões artísticas que estavam acostumados, que era importante e fácil conhecer outras vias artísticas. Para alguns, o uso da internet era apenas para jogos e redes sociais.

³ Consciência que uma pessoa tem de si mesma. Conjunto de características próprias.
Michaelis.uol.com.br/moderno/português/index.php?lingua=português-portugues&palavra=identidade
Acesso em 02/03/13

Tentamos fazer com que eles usassem a internet para pesquisar além, fosse músicas, filmes ou grupos de teatro e dança.

Essa ampliação de consciência de mundo contribui para a formação da consciência estética, política e cidadã.

Se ampliarmos o conhecimento cultural desses jovens, isso implica em um conhecimento pessoal de cada um e a partir desse conhecimento individual, um reconhecimento como cidadão. É preciso que eles construam suas ideias, seus gostos pessoais e assim se constituam como indivíduos capazes de buscar seus direitos.

4- Escutando, dialogando, “teatrando”

Nesse capítulo, farei uma reflexão sobre a importância da escuta e do diálogo na formação humana, não só em comunidades carentes, mas em toda a sociedade.

Segundo o dicionário Michaelis⁴, escutar significa prestar atenção para ouvir, dar atenção, ouvir, sentir e perceber.

Nos encontros que coordenei dentro do projeto e, recentemente, nos estágios feitos para o curso de Teatro/licenciatura, aprendi a prezar o uso do diálogo e da escuta nas práticas teatrais para um melhor aprendizado.

É através de uma escuta sincera que estabelecemos um diálogo: quando silencio para ouvir o outro, com a intenção de compreendê-lo, podemos juntos, construir uma ideia em cima do que foi dito. Calar enquanto ouço não significa que não possa discordar da fala. O silêncio é o respeito da escuta. E enquanto escuto, abro os canais de compreensão e percepção das realidades reveladas.

Às vezes quando a fala é interrompida, não há escuta, mas sim uma disputa de palavras, de opiniões, situação em que a compreensão e a percepção da realidade são subtraídas. O educador e filósofo Paulo Freire, no livro a *Pedagogia da Autonomia* descreve de maneira simples como ser um bom “escutador” na hora de um diálogo:

(...) É preciso, porém, que quem tem que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer, não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.(FREIRE, 2011, p.114)

Em sala de aula é imprescindível o hábito da escuta entre educando e educador. Porém, cabe ao educador o protagonismo, a iniciativa para que o processo de ensino aprendizagem seja eficaz.

⁴

[Http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=escutar](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=escutar) acessado em 28/02/2013.

Um dos monitores do Projeto Quilombo, aqui denominado João afirmou que “o andamento do grupo melhorou muito porque eles falavam e nós (*monitores*) ouvíamos, nós falávamos e eles ouviam. Eles (*os participantes*) pensavam que se os orientadores os escutavam, eles tinham de escutá-lo”.

Uma relação de troca, compreensão e aprendizado, sem o momento de escuta, fica comprometida. O que poderia ser um diálogo se converte em um monólogo. Como posso argumentar e contra argumentar somente com a minha palavra sem um interlocutor? Como saberei se o que tenho a dizer faz sentido e é legítimo se não tenho ninguém para contrapor meus argumentos ou concordar com o que digo?

O teatro, como uma prática que mexe com a relação humana, com o relacionar-se em grupo, não pode deixar de usar a escuta como parte dessa prática. Augusto Boal, em seu livro *O Arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia* explica que:

O conhecimento é aqui adquirido através dos sentidos e não apenas da razão: sobretudo vemos e ouvimos (estes são os principais sentidos da comunicação estética teatral) e compreendemos. Aí reside a função terapêutica específica do teatro: ver e ouvir. Vendo e ouvindo – e ao ver-se e ao ouvir-se – o protagonista adquire conhecimentos sobre si mesmo. (BOAL,1996, p.41)

O diálogo e a escuta conformam uma relação de humanismo que é a capacidade de respeitar o outro, usar da ética e da dignidade na relação com o outro. Para montar um trabalho teatral, o diálogo, a troca de ideias, a abertura à críticas, a compreensão das limitações e das potencialidades são imprescindíveis.

Paulo Freire afirma que “não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade” e que “a *pronúncia* do mundo, com o que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante”. O diálogo é uma troca de ideias que pode gerar transformações.

Ao dialogar, ao abrir-se para compreender o outro e de se fazer compreender é possível transformar situações, criar alternativas para uma mudança pessoal e social. Uma prática de fazer e refazer, construir e desconstruir, pensar e repensar.

Em um diálogo não deve haver a palavra imposta e, sim, o respeito pelo saberes. Para se estabelecer um diálogo, é preciso ter solidariedade com o outro, com a palavra que o outro tem a dizer.

Paulo Freire, no livro *a Pedagogia do Oprimido* (1987 p.45) reforça a ideia de que um diálogo não se faz sozinho:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes.(FREIRE, 1987, p.45)

Provocar o outro e permitir-se ser provocado faz do diálogo uma prática humanizante e transformadora.

O teatro consegue abranger a escuta e o diálogo em sua prática, recriando situações, resignificando nossas vidas, e suscitando a reflexão sobre a condição humana. O fazer teatral deve ser compreendido em sua importância na emancipação do indivíduo e do espírito de coletividade, capaz de atuar criticamente e positivamente em prol da transformação.

No Projeto Quilombo das Artes, essa prática dialógica acontece durante os encontros, pois, ali é um espaço fora do seu cotidiano, onde têm mais liberdade de se expor. Sejam nos encontros de Teatro, Dança ou Música, estes jovens e crianças encontram naquele momento seu espaço para falar e ser ouvido. Um dos participantes, aqui chamado de Fernando, comenta que “se sentia mais leve, pois lá (nas aulas de Teatro) podia se expressar. Falava o que quisesse sem condenação, sem punição”.

Conforme essa troca vai ocorrendo, a vontade de permanecer no projeto prevalece. Enquanto o projeto se manter focado nos seus principais objetivos, enquanto continuar com sua trajetória de busca por uma transformação social a partir de seus participantes, estes continuarão acreditando em uma verdadeira mudança, aprendendo a criar e a fruir a arte.

Infelizmente, por alguns percalços que ocorreram nesse ano de 2012 causados por saída de monitores, e pela greve da universidade, uma desmotivação tomou conta de alguns participantes, fazendo com que estes saíssem do projeto.

Ana comenta que: “as ‘quebras’ ocorridas no projeto, foram ‘brochando’ os monitores, e isso foi se refletindo lá (*no bairro*).”

Enquanto os participantes são ainda crianças e adolescentes, é necessário que haja uma força máxima para que não ocorra o total abandono do projeto. Por enquanto, nesse caminho em que ainda estão se construindo como cidadãos e refinando o pensamento e as ideias necessitam de apoio. E já que muitos não encontram esse apoio em casa, o Quilombo das Artes ainda é o lugar que eles têm, o espaço e o tempo em que podem fazer mais por eles mesmos.

5. Considerações Finais

Diante de minha experiência e escuta da fala de monitores e participantes do projeto, material para meu TCC, identifiquei o quão necessário pode ser o uso da escuta e do diálogo para um processo de conscientização de cidadania, para que se possa encontrar espaços livres de expressão e aproximação das artes.

Também pude constatar que o uso das artes consegue abranger a escuta e o diálogo, abrindo espaço para aqueles que pouco são ouvidos. O trabalho focado na área do Teatro pode provocar o pensamento e a gestação de ideias, contribuindo com o crescimento individual, da autoconsciência, de consciência social e de respeito ao outro. Mas dentro dessa reflexão surgem questionamentos: Será que as pessoas querem um teatro que faça pensar? Será que os moradores de bairros carentes sentem falta de uma ação transformadora? O teatro deve ser sempre transformador? Perguntas que ainda não encontrei respostas, e talvez nunca as terei.

A partir das entrevistas percebi a transformação que tanto os participantes, quanto os monitores sofreram dentro do projeto. Os participantes afirmam que hoje se relacionam mais no meio social, se expressam e dialogam com outras pessoas sem a vergonha de se expor. Que conseguem ter mais autonomia para expressar suas ideias e já buscam alternativas de vida diferentes para seu futuro. Conseguem ver o Teatro para além da visão estereotipada que o reduz a decorar um texto e subir ao palco.

Os monitores têm a experiência como um marco em suas vidas, além de uma visão diferenciada sobre Teatro e educação. Conseguem ver o valor que as artes possuem principalmente em áreas de vulnerabilidade social.

O Quilombo das Artes busca a transformação social através das artes, mas também a arte como forma de expressão humana autônoma, de afeto e diálogo. Mas por ser uma extensão da universidade, acontecimentos, como a greve, acabaram se refletindo nas ações no bairro, resultando em diminuição do trabalho em campo e abandono dos participantes. Outro fator que implicou a evasão dos participantes foi saída, por vezes repentina, de monitores. O apego e carinho que os jovens e crianças têm por seus monitores são enormes. Uma saída ou uma troca de monitor sem aviso prévio soa como um abandono. Embora o projeto seja de atuação continuada, a saída de monitores, compromete o andamento das práticas desenvolvidas. Outro fator que é preciso rever é a forma como os monitores e

coordenadores agem entre si, e como agem dentro da comunidade. É preciso refletir se há um diálogo e um escuta durante as reuniões, se há compreensão, coleguismo e respeito. Como um monitor pode pensar em formar alguém tendo atitudes contraditórias?

Em cima dessa análise, percebo que além de incentivar os participantes aos estudos e a uma transformação pessoal e social, é preciso que haja um incentivo para a construção de um espaço que possa abranger as artes dentro do bairro, criado pela própria comunidade comprometida. Não seria melhor um período máximo de intervenção de ONGs e projetos dentro dessas comunidades, até o ponto delas criarem uma autonomia? A criação de um espaço, criado por ela mesma, poderá fortificar a ideia de autonomia e capacidade de transformação que essas pessoas podem conquistar. Ao invés de esperar que outros projetos como o Quilombo das Artes continuem atuando na comunidade, é importante que o bairro se apodere da ideia e semeie a transformação.

Reverendo minha experiência dentro do projeto e conciliando com meu estágio, me vejo como uma pessoa capaz de multiplicar o conhecimento que construí. Enquanto no curso de teatro - licenciatura, nos primeiros semestres, não estava vinculada a trabalhos de extensão ou de ensino tinha a insegurança de não saber lidar com crianças e adolescentes. Temia não conseguir transpor meus conhecimentos. Quando tive a oportunidade de entrar para o projeto, minha insegurança era de não saber lidar com a pobreza, com a violência e com o descaso das famílias. Pensei que não permaneceria muito tempo no projeto.

Porém, todo o processo do projeto me abalou muito emocionalmente e me fez crescer como pessoa e como profissional. A partir da minha atuação dentro do CRAS, percebi a falta que a arte faz em um local assim. Enquanto essas crianças e adolescentes podem desenvolver atividades que os impulsionem para uma busca de futuro melhor, acabam por se acomodar à maneira como vivem, pois são poucos os profissionais dentro do CRAS que buscam formas através das quais esses participantes possam se desenvolver integralmente como pessoas.

Pelas entrevistas com alguns dos participantes, pude constatar que o projeto foi significativo na vida deles. Que todo o conhecimento construído dentro do projeto foi e é válido. As práticas dialógicas fizeram sentido e modificaram suas maneiras de pensar, de se ver, de ver os outros e de se relacionar. Levaram as ideias, propostas e questionamentos para suas vidas fora do projeto.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 3 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BOAL, Augusto. **O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia.** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. Encenando identidades sociais- reforçando estereótipos? In: _____. **Teatro e Dança como experiência comunitária.** – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. P. 31-41.

TELLES, Narciso. Cidadania e ensino do teatro:apontamentos sobre a pedagogia teatral dos atadores Ói Nós Aqui Traveiz. In:_____. **Teatro e Dança como experiência comunitária.** – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. P.125-133.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17° ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

ANEXOS